

Capítulo 11

O método de Bertone

Nas páginas anteriores, debruçámo-nos sobre a evidência que levou Antonio Socci (como milhões de outros Católicos) a concluir que “é uma certeza” haver um texto separado mas relacionado com o Terceiro Segredo de Fátima, ainda por revelar, contendo “as palavras da Madonna [que] prenunciam uma crise apocalíptica da fé na Igreja, a começar pelo cimo” e “uma explicação da visão (revelada em 26 de Junho de 2000) em que aparecem o Papa, os bispos e os fiéis martirizados, depois de atravessarem uma cidade em ruínas.”³⁰³ As palavras ocultadas da Madonna prediriam, como Socci escreveu, o “assassinio de um Papa no contexto de um imenso martírio de Cristãos e de uma devastação do mundo.”³⁰⁴

Nestas páginas examinámos também como o Cardeal Tarcisio Bertone dirigiu uma campanha elaborada de relações públicas cuja finalidade era dar a aparência, embora não a substância, de um desmentido “oficial” explícito de que esse texto existe, e como o Cardeal, durante essa campanha, foi cavando para si próprio um poço de inconsistências, auto-contradições e novas revelações que prejudicaram a sua posição. Sublinhamos que é a *sua* posição, e não a da Santa Igreja Católica, que Bertone prejudicou. Porque no seu livro *A Última Vidente*, publicado particularmente, no seu programa de rádio e em dois programas de televisão, Bertone nunca falou com a autoridade do Magistério da Igreja, que, de qualquer maneira, não lhe competia exercer. E, recordemos ainda, o comentário d’*A Mensagem de Fátima* de Junho de 2000 não é um ensinamento obrigatório da Igreja. Mais uma vez, como o Cardeal Ratzinger sublinhou, o comentário não apresenta mais do que uma “tentativa” de interpretar a visão do Bispo vestido de branco, e a Igreja não limitou a liberdade dos fiéis de chegar às suas próprias conclusões sobre o seu significado. As afirmações de Bertone sobre esta controvérsia, portanto, são apenas as suas próprias declarações, e não as da Igreja. E, afinal, o mesmo se pode dizer de toda a versão “oficial”.

³⁰³ Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 82.

³⁰⁴ *Ibid.*, pp. 63-64.

O panorama geral

Se examinarmos cuidadosamente a parada de apresentações que Bertone fez desde que *Quarto Segredo* de Socci foi publicado em Novembro de 2006, como fizemos nestas páginas, podemos discernir os seguintes elementos do “panorama geral”:

Primeiro, Bertone evitou cuidadosamente fazer qualquer declaração que não fosse equívoca – muito menos um simples sim ou não – sobre se existe um texto que contém as palavras da Santíssima Virgem que se seguem ao famoso “etc” e que explicam a visão do Bispo vestido de branco. Em vez disso, insistiu na ideia de um “texto autêntico” no arquivo do Santo Ofício, e evitou ou recusou *fazer perguntas precisas ou responder-lhes* sobre um texto ligado ao “etc” e à explicação da visão pela Santíssima Virgem.

Segundo, Bertone não quis revelar a existência desse texto, mas também não o negou explicitamente, porque isso requeria uma mentira clara. Todavia, as suas referências constantes a um texto “autêntico” no arquivo – por oposição ao texto (e envelope) que a sua própria testemunha admitiu agora que estava localizado nos aposentos papais – demonstram uma reserva mental sobre outro texto, ainda por publicar e particularmente considerado “não autêntico” por ele próprio e por outros.

Terceiro, Bertone e os seus colaboradores organizaram uma série de apresentações cuidadosamente montadas, que dão a aparência de responder à necessidade de transparência, mas que são realmente exercícios de obfuscação –

- o comentário (*Mensagem*) e conferência de imprensa de 26 de Junho de 2000, que evitou o assunto do “etc” utilizando a Terceira Memória, em vez da Quarta;
- dez horas de supostas entrevistas com Lúcia em Coimbra, das quais Bertone não apresentou uma gravação em vídeo ou em áudio, uma transcrição ou qualquer outro registo independente, e das quais supostamente extrai algumas palavras da vidente em “citações” que estão constantemente a mudar, ao que parece segundo as necessidades do momento;
- um livro, escrito de colaboração com De Carli (*A Última Vidente*), publicado em Maio de 2007, do qual só algumas páginas supostamente tratam das conclusões de Socci, mas que, na verdade, escapam a elas;
- uma entrevista televisiva no *Porta a Porta* em 31 de Maio de

2007, durante a qual Bertone deixou novamente de refutar as conclusões de Socci;

- uma entrevista à Rádio Vaticano em 6 de Junho de 2007, que sofre da mesma deficiência;
- outra entrevista televisiva, no canal *Telepace*, em 21 de Setembro de 2007, um programa cheio de celebridades e discursos, em que, mais uma vez, não conseguiu refutar Socci ou as provas que ele apresentou – incluindo o depoimento do Arcebispo Capovilla a Solideo Paolini, que não foi minimamente afectado pela entrevista gravada em vídeo que fez o agente de Bertone, Giuseppe De Carli, numa tentativa falhada de obter um “desmentido” que apenas demonstrou ainda mais que Bertone devia estar a esconder alguma coisa.

Nenhuma destas apresentações tratou do ponto fulcral do assunto: se Lúcia escreveu ou não um texto contendo as palavras da Santíssima Virgem que se seguiam ao “etc” e explicando a visão do Bispo vestido de branco. Pelo contrário, todas as apresentações foram feitas precisamente para evitar e obscurecer a questão, focalizando-se em assuntos que não estavam em disputa: que o texto da visão é autêntico, e que João XXIII leu o texto da visão.

Quarto, apesar de todas estas apresentações, o depoimento de Capovilla a Paolini de que há dois textos e dois envelopes que, juntos, fazem o Terceiro Segredo não só não é negado *como ainda é mais confirmado* pelas próprias apresentações. O mesmo pode dizer-se do depoimento do Cardeal Ottaviani de que há um texto de uma página e 25 linhas do Segredo.

Quinto, não tendo feito absolutamente nada com estas apresentações para desacreditar as acusações de Socci e dos “Fatimistas”, mas, pelo contrário, tendo na prática *confirmado* as acusações, Bertone continuou a projectar uma suave convicção de que a sua posição foi confirmada.

Sexto, Bertone utilizou as aparências da sua autoridade – o seu título, o seu ornado gabinete no Vaticano, os seus associados na hierarquia, o “show de cães e póneis” com amigos poderosos e influentes – para dar uma patina de oficialidade ao que não é, na realidade, mais do que uma iniciativa pessoal e privada que falhou, para dar a si próprio razão contra Socci e todos os outros membros dos fiéis que não foram persuadidos pelos seus argumentos.

Sétimo, nem o Papa nem a Santa Sé se juntaram oficialmente à campanha de Bertone contra Socci e a posição que ele representa com tanta competência. Pelo contrário, o Papa fez

questão em agradecer a Socci por ter escrito um livro que rejeita estrondosamente a versão que Bertone deu dos factos e declara abertamente que Bertone e os seus colaboradores estão implicados num encobrimento!

Façamos uma pausa para considerar a natureza totalmente extraordinária do que o Cardeal tentou aqui. Num esforço para silenciar os críticos, o Cardeal escreveu um livro e apareceu na televisão e na rádio como qualquer outro convidado no “fogo cruzado” de uma controvérsia pública. Quando estas manobras de relações públicas se voltaram contra ele, o Cardeal foi ainda mais longe, arranjando um patrocínio privado de banqueiros e outros apoiantes para um programa especial de televisão que fosse apenas seu, reunindo uma assistência da elite e um grupo de luminárias que não tinham nada de importante a dizer. Estas iniciativas, todas elas levadas a cabo em menos de um ano depois da publicação do livro de Socci, não dão a ideia de um homem confiante em que não tem nada a esconder e satisfeito em deixar que a verdade fale por si própria. Sugerem antes um homem que está a trabalhar furiosamente para criar algo que distraia as pessoas da percepção crescente de que ele está, de facto, a esconder alguma coisa.

Consideremos também a audácia do método do Cardeal. Ao mesmo tempo que recorreu aos meios de comunicação para apresentar o seu caso, o Cardeal recusou-se a responder a perguntas de qualquer representante desses meios de comunicação, exceptuando o único jornalista que escolheu a dedo para o ajudar na sua campanha mediática: Giuseppe De Carli, o seu co-autor. E quando até De Carli tentou insistir em certas perguntas, o Cardeal ignorou-as ou deu respostas evasivas, como vimos no Capítulo 7. Ao mesmo tempo, o Cardeal espera que os fiéis aceitem acriticamente a sua ideia de que pôs de lado todas as dúvidas sobre se o Vaticano revelou por completo o Terceiro Segredo, quando (a) não respondeu a perguntas, (b) nem o seu livro, nem as suas entrevistas à rádio ou televisão, nem nada do que ele disse nos últimos sete anos negou ou refutou um só ponto levantado por Socci e pelos “Fatimistas”, e (c) as suas declarações sempre em mudança e as novas revelações só aumentaram a certeza de que existe um texto escondido do Segredo, tal como Socci tinha observado.

Essencialmente, o que Bertone diz é: “Confie em mim!”, mesmo quando se recusa a enfrentar os muitos factos que fazem duvidar da veracidade da sua versão – factos esses que Socci,

que é um Católico devoto e leal, juntou com tanta eficácia. Como vimos nestas páginas, há, literalmente, 101 motivos para dúvida. (Veja-se o [Apêndice II](#).) Apoiando-se num *blitz* publicitário que não passa de um *show* sem substância, em vez de dar respostas claras a perguntas simples, Bertone pelos vistos acredita que os fiéis passarão por cima dos factos, só porque o Cardeal Secretário de Estado apareceu em várias assembleias privadas, rodeado por amigos prestigiosos e poderosos, e nós devemos “confiar” e “obedecer” aos pastores da Igreja. Mas, mais uma vez, ao contrário do que Messori sugeriu, o Cardeal Bertone não tem autoridade pastoral sobre os fiéis, nem o Papa declarou, pela sua autoridade, que a versão dos factos de Bertone deve ser aceite. O Papa indicou antes (pela sua carta a Socci) que os fiéis são inteiramente livres de aceitar a posição de *Socci* em vez da de Bertone. Muito menos tem Bertone autoridade para obrigar a aceitar as suas declarações, quando, como aqui acontece, actua numa capacidade privada como autor e convidado num programa de TV ou de rádio.

Portanto, apesar das manifestações imponentes que o método de Bertone produziu, os fiéis não são obrigados a acreditar numa palavra do que ele disse ao longo desta controvérsia, a não ser que o que disse seja objectivamente digno de crédito. Mas, considerando toda a evidência aqui apresentada, muita da qual revelada pelo próprio Bertone, deve ser óbvio que a versão de Bertone é objectivamente indigna de crédito. O método de Bertone – a simulação de autoridade, a aparência de um desmentido, o “show de cães e póneis”, a recusa áspera em responder ou até considerar perguntas sérias, a aparência de imperturbabilidade em face de provas esmagadoras – não podem abafar as exigências da verdade. Como o próprio Bertone observou recentemente, mas noutro contexto: “A verdade é o destino para que nós fomos criados. Para cada ser humano, a sede da verdade foi sempre um desejo profundo e um desafio exigente. De facto, o homem é ‘curioso’ por natureza: é impelido a encontrar respostas para os muitos ‘porquês’ da vida e a procurar a verdade.”³⁰⁵ Ironia das ironias, no meio desta controvérsia, o próprio Bertone proclama publicamente a razão por que os fiéis não podem aceitar a sua versão.

³⁰⁵ HOMILIA DO CARDEAL TARCISIO BERTONE, Auditório do distrito da Feira Comercial, Rimini, Domingo, 19 de Agosto de 2007, em http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_seg-st_20070819_meeting-rimini_en.html, em inglês.

Vai perdendo, mas continua no poder

Mesmo assim, o Terceiro Segredo de Fátima continua firmemente sob o controlo do Secretário de Estado do Vaticano, apesar do fracasso cada vez mais embaraçoso de Bertone em persuadir os fiéis de que tudo já foi revelado, que a Mãe de Deus não tinha nada a dizer aos pastorinhos sobre uma visão que Bertone, depois de Sodano, decidira por sua conta “interpretar” em vez da Santíssima Virgem. Parece que Bertone, tal como o seu antecessor, está a actuar como se fosse uma espécie de governo sombra na Igreja, que não presta contas a ninguém e acredita que pode dizer ou fazer o que quiser sem temer contradição, mesmo que seja da parte do Papa.

Numa coluna escrita dois dias depois de ter sido expulso da Urbaniana durante o “*Show do Cardeal Bertone,*” Soggi fez este apelo dramático ao Papa:

Santidade, governai a Igreja que está a cair em ruínas! Por caridade, não deixeis as ovelhas de Cristo, já perdidas e a sofrer grandes tribulações, noutras mãos. Os Cardeais a quem vós imprevidentemente haveis confiado o governo da Igreja não são um convosco... Que o Padre Pio – de quem é hoje a festividade – e a Madonna de Fátima vos iluminem. Imploramo-vos, deixai-vos ser guiado pelo Céu, tomando a mão da Mãe de Deus que veio a Fátima para nos salvar... Não tenhais medo. Não fujais. Sede corajoso. Assim, Bento e o seu pontificado serão verdadeiramente uma bênção para a Igreja. Para glória de Deus.³⁰⁶

No artigo que a acompanhava, Soggi notou que o Papa Bento XVI está rodeado por pessoas que tentam governar a Igreja em seu lugar, incluindo opositores do *motu proprio* histórico do Papa, *Summorum Pontificum*, que “libertou” a Missa em latim do seu cativeiro de quarenta anos sob uma “proibição” inexistente. “Mas quem manda no Vaticano?”, perguntou Soggi. “O facto é”, acrescentou, “que Bento XVI está praticamente só no palácio apostólico e a barca de Pedro é lançada para aqui e para além por burocratas clericais...” Numa referência clara à aliança entre De Carli e Bertone, Soggi sublinhou que “o oportunismo, o servilismo e o clericalismo dominam o mundo católico. Os intelectuais, em regra, estão dominados por ideologias hostis ou só estão interessados em beijar o sapato do prelado mais poderoso do

³⁰⁶ “Apelo ao Papa!,” *Libero*, 23 de Setembro de 2007.

momento.”³⁰⁷

Socci recordou a “percepção dramática que o Papa Bento XVI teve das condições na Igreja. Isto viu-se pelo lamento que lançou durante a histórica Via Sacra de 25 de Março de 2005: ‘Quanta porcaria há na Igreja, até mesmo precisamente entre aqueles que, pelo sacerdócio, deviam pertencer-Lhe completamente. Quanto orgulho, quanta auto-complacência!’”³⁰⁸ O Papa certamente reconhece a situação que o confronta, a situação que deve estar predita nas palavras ocultadas da Santíssima Virgem que deviam estar juntas ao que ele próprio (escrevendo quando ainda era o Cardeal Ratzinger) chamou uma visão “de difícil decifração”, a do Bispo vestido de branco. Mas, como Socci perguntou: “Quando, onde e como há-de ser feita essa purificação depois de uma denúncia tão clamorosa? O Papa não pode fazê-la sozinho, mas mesmo ele terá, mais tarde ou mais cedo, de fazer escolhas corajosas.”

Uma das “escolhas corajosas” que o Papa terá de fazer é pôr um fim à charada que Bertone e o seu antecessor andaram a dirigir. Como Socci reconheceu, dando voz a Católicos de todo o mundo, o texto que explica a visão enigmática do Terceiro Segredo deve ser revelado para bem de toda a humanidade, independentemente das opiniões privadas que tenham sido exprimidas sobre a sua “autenticidade.” Mas se o Papa não agir, o que poderão os fiéis fazer para libertar aquele texto do Céu do seu cativo em mãos humanas? Como poderão saber toda a verdade que a Santíssima Virgem transmitiu aos seus filhos para sua protecção na terra e salvação eterna? Qual é o remédio para uma injustiça que ameaça o bem da Igreja e toda a humanidade?

³⁰⁷ Antonio Socci, “Há uma casta, mesmo na Igreja,” *ibid.*

³⁰⁸ *Ibid.*; citando a Homilia de Bento XVI durante as Estações da Cruz na Sexta-Feira Santa de 2005.